

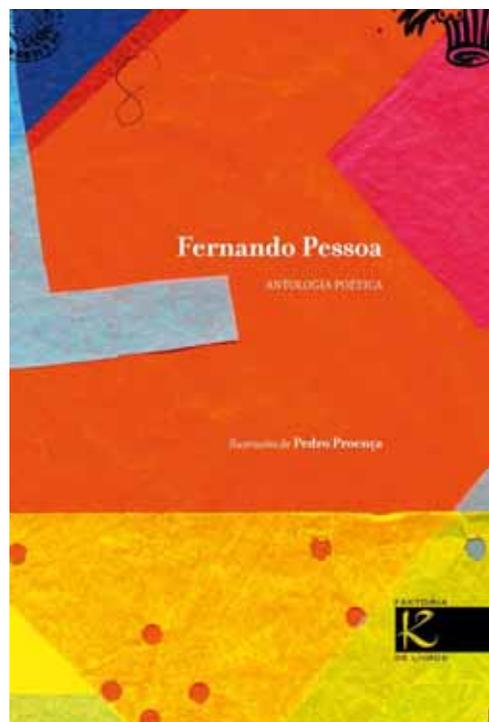
Texto: **FERNANDO PESSOA**
 Ilustração: **PEDRO PROENÇA**
 Edição literária: **MARGARIDA NORONHA** e **PEDRO PROENÇA**

Cartonado. 15x23,5 cm.
 64 páginas a cores. Treze Luas.
 ISBN 978-989-8205-32-2
 Preço: 15 €

FERNANDO PESSOA ANTOLOGIA POÉTICA

**Treze poemas em cada livro,
 treze poemas como treze luas,
 como os treze poemas do calendário lunar.
 A lua, esse ser cambiante que muda a sua face de
 espelho circular. Senhora das marés, astro da
 fecundidade. Ritmos lunares para dar medida ao
 tempo, ao tempo poético.**

Este livro convida-o a ler um poema por dia, ou por semana, ou mês lunar. Depois, pode deixá-lo a repousar numa estante, aberto na ilustração que quiser, que é, nem mais nem menos, a leitura que Pedro Proença fez das palavras do poeta, para deleite dos nossos olhos e do nosso olhar mais pessoal.



Ilustrar os poemas do Fernando Pessoa exige uma reflexão, porque em Pessoa aquilo a que chamamos Modernidade se faz cheia de movimentos e contra-movimentos, de lógicas internas que são seguidas como silogismos, de um amanhã que não sabemos o que nos traz e da estonteante moda de ontem à tarde. Com Pessoa somos forçados a constatar a complexidade das «subjectivações» e das desinibições da vontade de interiorizar e de singularizar e dos problemas por vezes terríveis da empatia epidérmica com o mundo.

Pedro Proença

FERNANDO PESSOA (Lisboa, 1888-1935)

Nasceu e morreu em Lisboa, tendo porém vivido na África do Sul, em Durban, entre 1896 e 1905. Já em Lisboa, e após uma breve passagem pelo Curso Superior de Letras, que abandonou, trabalhou em vários escritórios como correspondente comercial. Em 1915, com Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e outros poetas e artistas plásticos, com os quais formou o grupo «Orpheu», lançou a revista homónima, marco do Modernismo português, onde publicou, no segundo número, o poema interseccionista «Chuva Oblíqua», cuja escrita, conforme descreve na carta sobre a génese dos heterónimos a Adolfo Casais Monteiro, o poeta associa à emergência de Alberto Caeiro (1889-1915), o primeiro heterónimo e mestre dos demais, Ricardo Reis (1887) e Álvaro de Campos (1890), mas também dele próprio. O lado humano dos heterónimos, mais do que a questão literária que lhes subjaz, tem chamado inevitavelmente à atenção. Urdidos como sujeitos distintos, Pessoa criou-lhes uma biografia e atribuiu-lhes um rosto, gestos e feições, construindo-lhes não só «as idades e as vidas», mas também uma singular obra poética.

PEDRO PROENÇA (Angola, 1962)

Artista lisboeta, apesar de ter nascido no Lubango. Desde pequeno que rabisca e em adolescente fez inconsequentes bandas-desenhadas e escreveu também atabalhoados poemas neo-futuristas e desconchavados manifestos neo-dadaístas que lhe aguçaram a vontade de fundar um movimento artístico, tendo assim criado, em 1981, o Movimento Neo-Canibal, que rapidamente evoluiu para o Movimento Homeostético, quiçá o grupo mais inconformista da arte portuguesa dos anos 1980. Expôs um pouco por todo o mundo e nos anos 1990 cedeu à tentação da ilustração, tendo colaborado em revistas infantis e ilustrado livros da mais diversa índole e autores como Camões ou Saramago. Publicou livros da sua autoria de poesia, ficção, ensaio e “tipografia”.